

Nome: Artur Sartori Kon

E-mail: arturskon@gmail.com

Instituição de Ensino : USP

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Fabbrini.

A CENA DE UM MUNDO TRAGICÔMICO EM CHRISTOPH MENKE

Resumo: Seria o mundo contemporâneo o palco de uma tragédia ou de uma farsa? Pululam em diversos campos e nas mais diferentes posições as constatações de um tempo do fim: fim da história, fim das ideologias, fim do projeto moderno, fim da crença na possibilidade de um mundo radicalmente outro; viveríamos um tempo sem saída, que nos obrigaria a uma séria tarefa de desilusão, sobriedade e conformação (seja para melhor aceitar o mundo como está dado, no caso da ideologia neoliberal da “pós-história”, seja para buscar as possibilidades realmente existentes de mudança, sem ilusões ou pretensões desmedidas, como na busca *Por uma esquerda sem futuro* do crítico marxista T. J. Clark). Ou talvez, pelo contrário, seja esse um momento crítico que exige justamente a ampliação e afirmação das possibilidades criativas e transformadoras do homem, uma ética do impossível, a renovação da capacidade de *gozar* o mundo no duplo sentido da palavra: ao mesmo tempo zombar e aproveitar, mistura de distância crítica e mergulho alegre, proposição de uma gaia ciência. Ou ainda, poderão ser essas duas versões faces da mesma moeda, fenômenos complementares correspondentes a experiências fundamentais da atualidade?

O filósofo Christoph Menke, habitualmente considerado membro de uma chamada terceira geração da Escola de Frankfurt (ao lado de pensadores como Axel Honneth, Martin Seel e Josef Früchtel), tem refletido de modo consistente a respeito de temas como esses tanto em trabalhos na área da Filosofia Política quanto na da Filosofia da Arte. Já em seu primeiro livro, *A soberania da arte: experiência estética em Adorno e Derrida*, tratava-se de pensar o fenômeno estético como portador de uma potencialidade profundamente política de desfazer a estabilidade e fixidez da experiência cotidiana (e contemporânea, como vimos) do mundo, deslocando sua apreensão habitual pelo entendimento, abrindo-o para uma infinidade de

perspectivas e forças. Já em *Tragédia na moralidade: justiça e liberdade em Hegel*, Menke se dedicava de reter na filosofia do jovem Hegel o diagnóstico da modernidade como experiência trágica de um poder insuperável e “fatídico” que faz surgir entre as pessoas o “monstro da desunião”, experiência da inevitabilidade e necessidade de colisões entre aspectos normativos fundamentais da vontade e ação. Em nossa comunicação, trataremos fundamentalmente do modo como os conceitos de *tragédia* e *comédia* são retomados e ganham atualidade a partir das reflexões desenvolvidas pelo filósofo em seus dois livros seguintes.

Em *A atualidade da tragédia: ensaio sobre juízo e representação*, o autor analisa o trágico a partir do estudo de várias obras clássicas, desde o *Édipo Rei*, passando por *Hamlet*, chegando até o teatro de Samuel Beckett (principalmente com seu *Fim de partida*) e Heiner Müller (*Filoctetes*), entre outros dramaturgos contemporâneos. Deverá nos interessar principalmente o hiato entre os dois primeiros e o segundo, passagem imposta principalmente pelo projeto político-cênico de Bertolt Brecht: se a poética brechtiana (especialmente em suas peças didáticas) podia ser compreendida como uma tentativa de aniquilação da dimensão trágica por meio de uma passagem programada do campo da estética para o campo da práxis social, por sua vez o teatro contemporâneo como pós-brechtiano (ou mesmo pós-dramático, como podemos observar principalmente em outros artigos de Menke nos quais o filósofo dialoga com o teatrólogo Hans-Thies Lehmann) seria marcado pela impossibilidade dessa passagem, pelo fechamento ou enclausuramento da representação (como proposto por Derrida) que passa a girar sobre si mesma, encenando seus próprios limites e a impossibilidade de se sair do jogo teatral. Fica evidente aqui o privilégio concedido no tratamento do trágico em detrimento do cômico, visto por Menke como preso em um paradoxo (ou seja, em uma *ironia trágica*): ou a comédia e a liberdade representada por ela (em contraposição à necessidade e ao destino encarnados na tragédia) se limitam à esfera da arte, contraposta ao mundo da práxis com suas aspirações e fracassos, ou o jogo quer ser prática e se converte em seriedade. Assim, por mais que a comédia parodie a tragédia, acaba sempre se transformando no seu contrário, que buscava eliminar.

Pretendemos buscar no livro seguinte do autor, *Reflexos da igualdade: filosofia política após Adorno e Derrida*, uma possível outra visão sobre a complexa dialética do cômico e do trágico. Ali, porém, não se trata de investigar obras de literatura dramática, mas antes eventos históricos e – principalmente – suas interpretações por diversos pensadores do político. Central para nós será o questionamento empreendido acerca do sentido e dos

descaminhos da Revolução Francesa, desqualificada pelo filósofo conservador Edmund Burke como “uma cena tragicômica monstruosa”, que mina sua própria busca de igualdade criando novas e maiores desgraças, novos insultos e injúrias. Contra essa crítica, Menke revê e reafirma o duplo caráter trágico e cômico da revolução, mas sob nova perspectiva: essa autossabotagem (intencional ou não) da busca de igualdade pela revolução poderia ser justamente um argumento a favor dela, como pretendemos mostrar acompanhando a reflexão proposta no livro estudado. Aqui, é a combinação de trágico e cômico que permite uma redefinição das posições, abrindo o campo dos possíveis para repensar a ideia de uma mudança radical.

Poderá essa segunda leitura do cômico corrigir a primeira, muito diminuidora? Como deveremos criticar e avaliar o pensamento de Menke sobre as relações entre tragédia e comédia? Após acompanhar seus argumentos nos dois livros referidos, deveremos nos dedicar brevemente ao seguimento de suas ideias na proposição de uma teoria da “força” como categoria estética e de uma “estética da igualdade”, para talvez imaginar como os problemas abertos pelo filósofo em suas mais importantes obras têm ganhado continuação sob outras formas e outros nomes, mas ainda na busca de, aliando estética e política, repensar questões que pareciam decididas e abrir caminhos que parecem definitivamente fechados.

Palavras-chave: Estética contemporânea; Estética do teatro; Tragédia e comédia; Estética e política; Christoph Menke.